

Variação sobre *The time of my life*: um músico na Cia. Etc.

Caio Lima

Há dois anos e meio incomodo-me: o que faz um músico numa companhia de dança?

Para iniciar a conversa, sugiro que o leitor realize um experimento: reproduza um vídeo do seu gosto e diminua, até o silêncio, aquilo que, amiúde, chamamos “volume de som”. Assista ao vídeo, se possível, com a ajuda de um fone de ouvido conectado a um aparelho que reproduza músicas. Escolha uma música de sua preferência. Em seguida, apenas chame a atenção para perceber. Escute o mesmo vídeo ao som de outras músicas. Apenas perceba, se der vontade, descreva a experiência.

Ao realizar tal experimento, não tenho dúvidas, o leitor irá perceber a sutil relação entre o som e o movimento; entre o som e a imagem. Por exemplo: na videodança *Fase*, protagonizada pelas dançarinas Anne Teresa De Keersmaeker e Michèle Anne De Mey, ao invés de escutar *Piano Phase*, a música original do vídeo, do compositor minimalista americano Steve Reich, pus para tocar a *Threnody to The Victims of Hiroshima*, do compositor polonês Krzysztof Penderecki. São duas composições musicais completamente distintas. Enquanto Reich compõe sensações a partir de um jogo de fase e defasagem da melodia executada no piano, Penderecki explora a trenodia (ode sobre assunto triste, ou canto fúnebre), através dos instrumentos de corda, para representar o famigerado ataque aéreo a Hiroshima.

Experimente, leitor! Pois, eu não sei do certo, mas algo importante para o sentido se recoloca quando assistimos a essa videodança com uma ou com a outra música. De certa forma, o que se revela é que imagem e som tratam-se de coisas distintas, mas que se interpenetram. Arrisco-me a afirmar que é a percepção do movimento o que os une, de maneira irresistível, ao ponto de nos iludirmos quanto ao ponto de um estar, irremediavelmente, no outro.

Em *Filosofia da caixa preta*, o filósofo Vilém Flusser define imaginação como a capacidade para compor e decifrar imagens. Diz:

“[...] a imaginação tem dois aspectos: se de um lado permite abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro, permite reconstituir as duas dimensões abstraídas na imagem. Em outros termos:

imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas.” (FLUSSER, 2011, p. 21).

Lembro-me que, no início da pesquisa corpo e vídeo, a imaginação saltou-me para além dos olhos: música é a dança do tempo! Ambas, sobretudo, são expressões que se realizam em espaço e tempo. Assim, poderíamos até imaginar que dança é a música do espaço. Pois, até os confins da capacidade de apregoar significados às coisas, qualquer movimento do corpo pode assumir, por magia, uma íntima relação com o som. O som nos diz tanto do corpo quanto o próprio corpo em ação: a inquietude é um princípio do estar-se. E é nisso, que está sempre se esburacando de sentido e/ou difuso de sentido, que o humano se pretende humano; da música faz-se espírito; a dança percorre o invisível, explorando a dureza do corpo que se imagina.

A música desvela o corpo até que um corpo dance. O som, inscrevendo-se na matéria, atravessa-a – avassalador –, comove, rasga a superfície, transubstancia-se em humanidades: profanando o corpo, sacralizando-o. Geralmente, de mim, a música surge da força que carece de sentido. E só se faz música quando já me deixou para fora.

Ora, talvez seja esse o ponto que depois de tanto tempo eu quis encontrar. O músico numa companhia de dança está lá para se empoderar do corpo! E para levar um corpo até os bailarinos. Pois, se com a realização da experiência que indiquei no início do texto, percebemos a conexão entre o sentido daquilo que é movimento, imagem e som, o músico está na companhia de dança para contribuir na criação de um corpo de sensações e, posteriormente, numa retórica do sentir. E, através do embate entre as formas de expressão dos corpos da companhia, contaminar a sua música, o seu pensamento de corpo.

O músico no processo criativo: prelúdio para um corpo sonoro e o Ouvido Etc.

A minha primeira contribuição para a Cia. Etc. foi a realização da trilha sonora da videodança *Bokeh*. Eu já havia trabalhado numa trilha para um espetáculo de dança, mas nunca com o corpo no vídeo. Para essa trilha,

utilizamos a ideia de cardume para improvisar a seis mãos numa marimba de vidro. O curioso desse processo é que apenas Marcelo Sena conhecia a movimentação dos corpos que fora gravada no vídeo, tanto eu quanto Hugo Medeiros tocamos a marimba de vidro “incorporados” do conceito ou procurando por ele. Escolhemos o “take” que simpatizamos: a música estava pronta! Depois, Breno César editou o vídeo.

Quando, pela primeira vez, assisti a videodança, tive a impressão de que havíamos conseguido nos conectar com a proposta da obra, mas sentia que faltava algo em relação ao corpo. Após rever a videodança algumas vezes, concluí que se o processo criativo do corpo para o vídeo e, conseqüentemente, a gravação desse corpo no vídeo, é feito separado da música que foi utilizada, precipita-se uma sensação de deslocamento entre as linguagens que só poderá ser resolvida pelo editor do vídeo. No caso de *Bokeh*, o editor do vídeo também era o diretor e soube se aproveitar do conceito da obra para criar o ritmo da videodança unindo a música com as imagens dos corpos dançando.

Diante daquela conclusão, decidi que se tornava imprescindível forjar uma relação atenta à música dentro do processo criativo da Cia. Etc. Mas, quando chamo música, quero dizer como John Cage: “Música é sons.” Portanto, após a trilha de *Bokeh*, pedi que a Cia. me reservasse um dia para a condução de exercícios de percepção sonora. Apenas escutávamos e descrevíamos. Andamos pela cidade apenas com o objetivo de ouvi-la. Investigamos nosso aparelho fonador, passamos a emitir sons, exploramos nossos corpos vocais. Até que surgiu *Dark Room*.

O espetáculo *Dark Room* possui a identidade sexual como tema central. Até onde lembro, no processo criativo, sempre esteve presente a necessidade de percorrer a memória da invenção da identidade sexual de cada indivíduo do grupo. Momentos íntimos transformavam-se em laboratórios de corpo, em sugestões de cena; sacrificavam-se segredos, expurgava-se o pudor na sala de ensaio. A partir disso, imaginei uma trilha construída apenas com as vozes dos próprios bailarinos. Pensei a voz para a trilha como representação dessa identidade forjada através das forças do tempo. Pois, em toda fala, em todo canto há o presente, a lembrança, o prazer e a dor, o constrangimento e a liberdade: em toda voz há sexo.

Levei os bailarinos para gravar no *home studio* de Hugo Medeiros e lá começamos a experimentar com as vozes. Gravamos tudo: fantasiávamos sobre o espetáculo, conversamos sobre acontecimentos moralizantes, cantamos a memória, experimentamos nossas vozes ao acaso, encontramos uma harmonia, nos confundimos no burburinho, gememos e gargalhamos. No decorrer do processo criativo, para a montagem do espetáculo, fomos compondo as músicas de acordo com o conceito das cenas que ficavam “prontas”. E de repente estava lá: a sensação de que conseguimos compor a música que o corpo queria. Foi como se eu conseguisse responder ao problema de *Bokeh*: a música estava no corpo criado para o espetáculo; a música fez-se do corpo, o corpo refez-se na música.

Concluído o processo criativo de *Dark Room*, as nossas atividades relacionadas ao som e, sobretudo, à voz, enquanto movimento do corpo, desenvolveram-se em outras proporções: continuamos nossas atividades de percepção, enveredamos pelas “paisagens sonoras”, os próprios bailarinos prepararam aulas em que a voz era um dos pilares para a investigação do movimento. O interesse pareceu surgir de um delírio que agrada: os bailarinos redescobriam a sua voz; uma voz onde se ouviam imanentes na potência do corpo que se atualizava, ali, perante nossos ouvidos, com uma força que não se imaginava. O constrangimento, tão presente quando se trata de usar a voz em público, era, enfim, questionado.

Não custa aqui lembrar que uma das lembranças mais fortes que tenho de espetáculos de dança é o silêncio, por exemplo, de um corpo que apanha em cena. Aquele bailarino mudo sempre me incomodou. Eu sempre teimei em associar o silêncio do bailarino em cena a sua própria surdez. O corpo em cena, ali na minha frente, se transformava no seu próprio fantasma.

Contudo, a pergunta não se calou. Sussurrando, insistia: o que faz um músico na companhia de dança? Logo, tentei encontrar uma resposta olhando para trás. Até ali tudo o que realizei na Cia. Etc. possuía um desejo que não se deixava identificar, mas que, diante daquela pergunta, era preciso cercear. Assim, aos poucos, foi clareando que estava em curso um projeto que pretende redimensionar a relação entre a música e a dança dentro da Cia. Etc. O *Ouvindo Etc.* é esse projeto.

A elaboração do *Ouvido Etc.* como um programa de atividades que possui como objetivo o desenvolvimento da relação entre o corpo e o som ganha ainda mais força em 2012 quando surge a audiodança. Ela foi inicialmente pensada para ser uma instalação sonora, onde os movimentos do corpo estariam gravados na paisagem sonora: a dança de um corpo fantasma que move o espaço ao seu redor. Na audiodança, mover e espaço são o princípio das investigações para a produção sonora. Na perspectiva de encarar o movimento como som, a audiodança pretende fazer do corpo o músico da paisagem sonora, que interferindo no espaço desdobra as possibilidades do dançar. Tanto para o bailarino da audiodança como para o ouvinte, a íntima pulsão que movimenta ecoa através e para além do som.

A fim de experimentar e difundir as audiodanças produzidas na Cia. Etc., voltamos ao projeto da Rádio Etc. A rádio foi criada em 2011 como suporte para a criação e difusão das paisagens sonoras que surgiam das atividades de percepção sonora. No entanto, durante o ano de 2011, apenas um episódio foi realizado. Nesse episódio, que se encontra disponível para audição no site da Cia. Etc., gravamos uma longa conversa sobre o processo criativo de *Dark Room* e depois editamos, misturando-a com várias paisagens sonoras.

Então, o *Ouvido Etc.* é o projeto de percepção sonora que desenvolvemos na Cia. Etc. É um reflexo da atuação do músico numa companhia de dança. Dele, consiste a criação da Rádio Etc. que dá suporte para produzirmos as nossas audiodanças, os experimentos de audição e produção sonora a partir do aparelho vocal e a composição das trilhas sonoras para as videodanças e espetáculos do grupo. Se alguém me perguntasse há três ou quatro anos atrás quais seriam as opções para o músico atuar e desenvolver suas potencialidades, eu não saberia o que dizer. Hoje, na Etc., reconheço um lugar para o músico e a música. Um espaço-tempo que interessa tanto ao músico quanto ao bailarino. Um lugar de invenção do mundo. Um músico numa companhia de dança da cidade do Recife é como uma variação do tempo vivido na cidade. Uma tentativa de começar? Inventar o mundo.